

“Que este seja o melhor Congresso promovido pela Fisenge”

Situar-se no centro das grandes questões nacionais e estimular o debate em torno das soluções para as mesmas são metas do 8º Consenge. Não é a toa que a bandeira da inclusão social está sendo levantada este ano.

Dos dias 3 a 6 de setembro de 2008, o Congresso Nacional de Sindicatos de Engenheiros (Consenge) chegará a sua oitava edição, em Florianópolis, promovendo o debate entre os engenheiros com o objetivo de definir, para o próximo triênio, a ação da Fisenge e dos Senges filiados no campo sindical/profissional, nas áreas de política tecnológica e de ensino da engenharia, além de capacitá-los para uma intervenção qualificada no debate de temas nacionais e na política institucional do país.

O Congresso busca, ainda, estreitar os laços com os movimentos sociais e entidades internacionais, bem como definir um plano de lutas centrado nos direitos e na defesa dos trabalhadores.

Sob o lema “Engenharia e Desenvolvimento com Inclusão Social”, as discussões serão provocadas a partir de cada uma das três teses centrais do Congresso, amplamente difundidas no seio de cada Sindicato de Engenheiro filiado durante os encontros preparatórios de cada Estado, e nortearão o 8º Consenge. Os temas são “A



Engenharia na Construção da Sustentabilidade”, autoria de Paulo Roberto Silva, “Energia, Ambiente e Inclusão Social”, de Luiz Pinguelli Rosa, e “Organização Sindical”, de Vito Giannotti.

Particularmente, espera-se muito desta oitava edição do Consenge, que já ultrapassa os números dos Congressos anteriores, seja pelo alto número de delegados que estarão representando os Senges ou pela extensão do Congresso, que desta vez ganhará um dia a mais de duração.

– Queremos que este seja o maior e o melhor Congresso promovido pela Fisenge. A expectativa é muito boa em função

dos encontros estaduais. Todos os sindicatos filiados mostraram-se bastante envolvidos com a disseminação das teses e teremos recorde de participação. Por tudo isso, teremos debates enriquecidos e de alto nível – comemorou Carlos Bittencourt, vice-presidente da Fisenge e membro da Comissão Organizadora do 8º Consenge.

Ao colocar no horizonte do Congresso o lema da inclusão, há o reconhecimento

por parte das direções da Fisenge e dos Senges filiados de que a exclusão social ainda se encontra em níveis alarmantes no país, sendo esta explicada pela desigualdade social gritante, além de se revelar como um grave entrave ao desenvolvimento do país.

– Há que se levantar o papel que as categorias componentes da Fisenge e dos Senges devem ter com vistas ao não aprofundamento da exclusão social bem como redirecionar algumas intervenções de modo a fomentar a inclusão – analisa Neide Aparecida Fonseca, presidente da Uni Américas Mulher e diretora da Contraf-CUT.

Realização:



EDITORIAL

Reflexão e Ação

Em sua oitava edição, o CONSENTEGE reafirma seu histórico de vitórias. Além de estimular e ampliar o debate de temas nacionais, o maior encontro de engenheiros do país faz avançar as lutas sindicais na troca corajosa de idéias e projetos. Neste movimento está a origem da Fisenge, que vê crescer, cada vez mais, a capacidade de intervenção dos sindicatos a ela filiados.

É verdade que há muito a caminhar para recuperar a força de uma mobilização nacional que venha a garantir novas conquistas dos movimentos sociais e da sociedade como um todo. Mas é verdade, também, que há muito a comemorar com as ações da Fisenge desde o ano de 1993, quando, no 2º CONSENTEGE, em 1993, num momento de renovação sindical necessária ao país, nasceu a Fisenge.

Desde então, sempre estivemos à frente dos grandes debates, em defesa do patrimônio nacional, pela soberania, contra as privatizações, pelo emprego e pela ética, entre tantos outros gritos de alerta que ecoaram no parlamento, oxigenaram os movimentos sociais e repercutiram na sociedade.

A mobilização que se faz sentir em torno do 8º CONSENTEGE confirma o amadurecimento pleno deste encontro, tanto no campo da reflexão, quanto no que diz respeito às ações. Confirma, ainda, o compromisso assumido quando nos reunimos para criar a Fisenge: defesa incondicional dos direitos dos trabalhadores rumo a um novo modelo de desenvolvimento.

Com a força da credibilidade política e o respaldo do CONSENTEGE, que alcança todos os segmentos da engenharia nacional, continuaremos a levantar bem alto a bandeira da valorização da profissão como um dos pilares fundamentais para a construção de uma nação que tem como meta o desenvolvimento com inclusão. É grande a nossa responsabilidade.

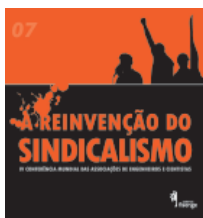
(A Diretoria)

Momento literário

Além de palco de importantes debates, o 8º Consenge funcionará como uma grande vitrine para o lançamento de publicações produzidas pela Fisenge e sindicatos a ela filiados. Durante o Congresso, a Fisenge lançará o Caderno nº 8, de autoria do professor Marcos Dantas, da PUC-RJ, sob o título **Uma agenda democrática para as comunicações brasileiras**, o Caderno **A reinvenção do sindicalismo** e a revista **Em Movimento**. O 8º Consenge produziu, ainda, o livro **Engenharia e Desenvolvimento com Inclusão Social** para que as teses sejam divulgadas entre os congressistas. Nele estão os textos de Luiz Pinguelli Rosa ("Política de Energia e Mudança Climática: Histórico, Perspectivas e Alternativas"), Paulo Roberto da Silva ("A Nova Formação em Engenharia Frente aos Desafios do Século XXI") e Vito Giannotti ("Ação Sindical dos Senges e da Fisenge no Começo do Século XXI"), trazendo para o debate o papel da engenharia rumo a um desenvolvimento com inclusão social. São os textos que serviram de base para as discussões estaduais e para a construção deste encontro nacional.



É possível que nestes últimos anos, esteja crescendo o interesse dos movimentos democráticos pela política de comunicações. Por um lado, a expansão da Internet está permitindo a muitas vezes se expressarem, por meio de blogs e sites, sem terem que se subordinar à pauta imposta pela mídia. Por outro lado, parte da sociedade começa a se mostrar incomodada com a ditadura midiática, e começa a se perguntar sobre o papel dos meios de comunicação em uma sociedade democrática. Nesta obra, Marcos Dantas procura debater os rumos da comunicação a partir da sua vivência nas lutas pela democratização da informação, utilizando uma linguagem de fácil acesso a fim de estender esta discussão para toda a sociedade.



Este caderno é mais um título da série Edições Fisenge, iniciativa que se insere na nova cultura de comunicação da entidade. A publicação, que reúne o conteúdo da IV Conferência Mundial das Associações de Engenheiros e Cientistas, realizada em maio de 2007, no Rio de Janeiro, foi apresentada no final de março de 2008, durante a III Conferência Mundial da Union Network International (UNI), em Melbourne, Austrália. A proposta é contribuir para o desenvolvimento da profissão a partir da construção de um modelo sindicalista adequado aos novos tempos.



Visando a produção do conhecimento, a Fisenge lança esta revista como um instrumento de luta nos espaços políticos da poderosa indústria da comunicação, a serviço dos trabalhadores e das forças progressistas. De acordo com o presidente da Fisenge, Olímpio Alves dos Santos, "Com visão crítica e determinação, o lançamento de um veículo de comunicação nacional pode garantir articulações, ampliar áreas de influência, disseminar campanhas e formar bases. E, quem sabe, pode ser mais um instrumento determinante para, junto de outras entidades e categorias, provocar algum avanço no debate do futuro da comunicação sindical".

fisenge

FEDERAÇÃO INTERESTADUAL DE SINDICATOS DE ENGENHEIROS

DIRETORIA EXECUTIVA: Olímpio Alves dos Santos - RJ - **Presidente:** Carlos Roberto Bittencourt - PR - **Vice-presidente:** Roberto Luiz de Carvalho Freire - PE - **Diretor Tesoureiro:** Antônio Dias Vieira - MG - **Secretário Geral:** Paulo Cesar N. Granja - RJ - **Diretor de Relações Sindicais:** Fernando Elias Vieira Jogaib - VR - **Diretor Executivo:** Ubiratan Félix Pereira dos Santos - BA - **Diretor Executivo:** Alméria Vitória Carniati - PB - **Diretora Executiva:** José Ezequiel Ramos - RO - **Diretor Executivo**
Coordenadora de Comunicação: Tânia Coelho; **Jornalista Responsável:** Eduardo Pacheco
Diagramação: Leonardo Santos; **Tiragem:** 2.000 exemplares; **Impressão:** Gráfica Falcão
Fisenge: Av. Rio Branco, 277 - 17º andar - CEP 20040-009 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
 Tel: (21) 2533-0836 - Fax: (21) 2532-2775 - **E-mail:** fisenge@fisenge.org.br **Site:** www.fisenge.org.br

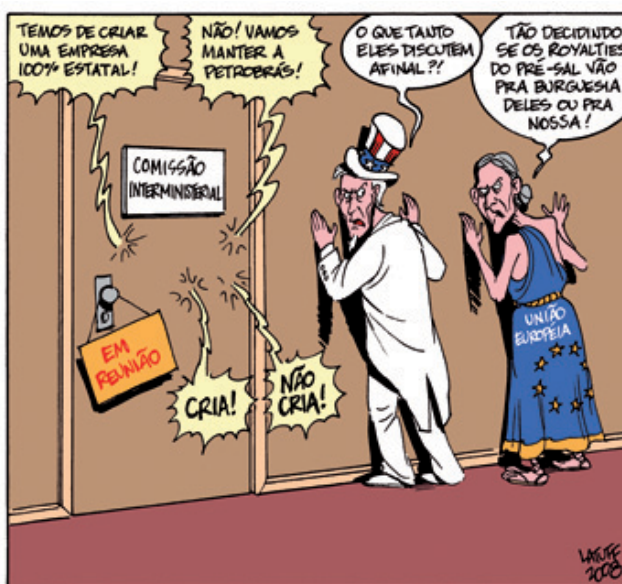
E agora, quem cuida do pré-sal?

Com a real possibilidade de o Brasil se tornar um grande produtor e exportador de petróleo após a descoberta do pré-sal, setores da sociedade começam a pressionar o governo por uma revisão geral na Lei do Petróleo, podendo vir a ser criada, inclusive, uma nova empresa estatal para tratar unicamente da produção proveniente das águas ultra-profundas nacionais.

As projeções extra-oficiais indicam: a camada do pré-sal, localizada em águas ultra-profundas, ocupando uma extensão que vai do norte de Santa Catarina até o centro do Espírito Santo, pode totalizar 50 bilhões de barris – quatro vezes mais que todo petróleo descoberto até hoje no Brasil. Se ocupamos, agora, o 14º lugar no ranking mundial de reservas com 14 bilhões de barris, somente em um campo do pré-sal, o de Tupi, estima-se que a quantidade de barris seja de até oito bilhões.

Com a descoberta – e deve-se muito a Petrobras pelo desenvolvimento de tecnologias de ponta capaz de vasculhar os locais mais remotos – iniciou-se o debate acerca do marco regulatório atual, que dá propriedade a quem produzir, e limita a participação da União sobre a produção em até 40%. Sabe-se, no entanto, que a média de um grande exportador de petróleo supera os 80%, sendo necessária uma mudança meticulosa na Lei do Petróleo, contraditória em alguns de seus artigos. Os artigos 3 e 21, por exemplo, dizem que o produto da lavra do petróleo pertencem à União, enquanto o artigo 26 entrega o petróleo a quem produzir, podendo fazer com ele o que quiser, inclusive exportar.

Diante dessas brechas na nossa Lei do Petróleo, e da necessidade em realizar uma gestão competente, o governo se articulou e criou uma Comissão Interministerial que está



discutindo o pré-sal e deverá entregar um relatório até o final de setembro. Deste documento, pode sair a decisão tão esperada, que tem gerado divergências entre lideranças governamentais e a Petrobras: a possibilidade da criação de uma nova empresa estatal para administrar as novas jazidas.

Nova empresa seria 100% pública

Por razões que parecem óbvias, a Petrobras deseja continuar sendo a responsável pelos louros do pré-sal, mas a desconfiança reside no fato de a empresa não ser totalmente estatal, pois parte significativa de suas ações está nas mãos da iniciativa privada nacional e estrangeira. A nova estatal, por sua vez, seria 100% pública, o que traria mais para perto dos do-

mínios do governo a gestão dos mega-campos do pré-sal.

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, foi o primeiro a vislumbrar a criação de uma nova estatal e logo ganhou adeptos, como o diretor geral da ANP, Haroldo Lima. Analistas avaliam que a proposta vem conquistando, inclusive, a simpatia da Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff.

Preocupada com o flerte entre a alta cúpula do governo e a criação da nova estatal, a diretoria da Petrobras divulgou um planejamento completo para o pré-sal, mostrando-se disposta a permanecer à frente da descoberta. Inconformados com o apoio de Haroldo Lima, da ANP, diretores da Petrobras dizem ser contraditório seu apoio, pois seria um sinal de má gestão da ANP na administração do setor.

Lula garante que Petrobras está no jogo

Apesar da disposição da cúpula governamental para a criação da nova estatal, a última declaração do presidente Lula fez com que esfriassem as especulações de que a Petrobras venha a ser prejudicada em um eventual modelo a ser adotado para o pré-sal que passe pela criação de uma nova estatal. “Com o pré-sal, a Petrobras se tornará ainda mais importante no cenário mundial”, disse o presidente.

No jogo de interesses entre governo, ANP e Petrobras, tem que prevalecer o bom-senso no sentido de administrar o pré-sal, revertendo a sua renda em benefícios reais para a população. Sem isso, de nada adianta a criação de uma nova estatal. O debate deve ser estendido a todos os setores da sociedade e temos que utilizar os bons exemplos aplicados em alguns países – como no caso da Noruega – e fazer o país crescer preocupado com a diminuição das disparidades sociais.

Em artigo difundido pela AEPET, o economista e apresentador do programa de rádio “Faixa Livre”, Paulo Passarinho, conclui:

“Caso queiramos ter, de fato, condições de administrar o negócio do petróleo de acordo com os interesses nacionais, a atual lei do setor deverá ser alterada, o papel da ANP revisto e, principalmente, haverá de se ter a decisão de um pleno controle nacional sobre o capital acionário da Petrobras.”

ENTREVISTA CRISTINA DE LUCA, jornalista

Internet como ferramenta de comunicação

A jornalista Cristina de Luca tem credenciais para falar sobre jornalismo e os desafios da profissão neste início de século. Coordenando atualmente a produção de conteúdo da Gol Móbile, ela já foi diretora de conteúdo do portal Terra, gerente de novas mídias de diversas revistas da Editora Globo, coordenadora de comunicação da ONG Comitê Para a Democratização da Informática, dentre outros.

Foto de Evandro Teixeira



Tendo em vista as transformações no âmbito da comunicação após o surgimento da internet e das novas tecnologias da informação, o 8º Consenge desenvolveu uma oficina, que será ministrada por Cristina de Luca com os jornalistas da Fisenge e dos Senges filiados a fim de familiarizar os profissionais desta área com os conceitos de trabalho em rede, convergência de mídias e interação com o público. Nesta entrevista, a jornalista aborda as necessidades do profissional moderno frente aos desafios do século XXI.

– Nunca o jornalismo sofreu mudanças tão radicais e aceleradas quanto as que estão ocorrendo agora por conta da Internet e das novas tecnologias. Como os jornalistas estão trabalhando essas mudanças no exercício profissional diário?

– A internet é a mais poderosa das ferramentas de trabalho, independente do meio em que se trabalha: impresso, rádio, TV ou a própria internet. É importante fonte de consulta e de comunicação. Como fonte de consulta, ajuda o jornalista a se manter bem informado sobre os assuntos que cobre. Como ferramenta de comunicação, agiliza o primeiro contato e ajuda a construir uma relação de confiança entre o jornalista e suas fontes e com seus leitores. Nunca antes o jornalista teve feedback tão rápido do seu trabalho.

– Várias experiências (como a Wikipédia ou Slashdot) sinalizam que o futuro do jornalismo passará pelo diálogo entre profissionais e público. Ou seja, quanto mais pessoas participarem desta troca, maior será o ganho em conhecimentos. Os jornalistas estão preparados para isso?

“Nunca antes o jornalista teve ‘feedback’ tão rápido do seu trabalho”

– Acredito que muitos estão preparados e muitos não estão. Vamos pegar a experiência do rádio. Os maiores comunicadores do rádio sempre tiveram os ouvintes como apoio para o seu trabalho. Ora como fonte de informação, ora como representantes da opinião de correntes de pensamento ou extratos sociais, políticos, ideológicos etc. O que essas novas ferramentas trazem de mais rico é a diversidade de informações. E essa diversidade obriga o jornalista a ser muito mais criterioso na separação das informações confiáveis. Checar e “recheckar” sempre.

– Explique-nos o conceito de Jornalismo 2.0, associando-o com a idéia de colaboração entre profissionais e público. É preciso ser multimídia

para sobreviver na profissão?

– Acho que se fez muito marketing em cima de ferramentas que apenas amplifica o que já fazíamos. Sempre ouvimos o leitor. Ele sempre pautou os jornais, por carta, por telefone. Quem nunca atendeu um “leitor amigo” em uma redação? As diferenças estão na lentidão dos antigos processos (o telefone de um chefe de reportagem vivia ocupado e as cartas levavam dias para chegar) e na passividade maior dos profissionais de imprensa. Hoje é muito mais simples provocar a participação do leitor, pedir que ele envie informações, por exemplo, No caso de um acidente de grandes proporções. Antigamente, parte da redação começava imediatamente a enriquecer a matéria procurando amigos, familiares que pudessem contar casos, dar outras informações relevantes complementares às informações do fato em si. Hoje, esse trabalho continua, facilitado pela comunicação rápida da internet. As informações chegam aos montes. E o perigo está justamente em não checar tudo o que chega.

– Qual a importância da Internet para o trabalho coletivo, em rede?

– Na prática, a Internet facilita que mais pessoas estejam no mesmo local ao mesmo tempo. A troca de informação ficou mais rica, uma vez que cada um pode agregar conhecimento com o mais valioso que possui. As competências individuais aparecem mais no trabalho em grupo. Antes da Internet, as redes já existiam, pois se formam a partir da união de pessoas com interesses comuns associadas com determinada afinidade. Essas pessoas encontraram no computador e posteriormente na Internet uma ferramenta para continuar estreitando as barreiras físicas e permanecerem se conectando em rede.